

## RESENHA

### **O JORNAL COMO EXPERIÊNCIA POLIFÔNICA: MÉTODOS E COMPREENSÃO HISTÓRICA DA FONTE**

BARROS, José D'Assunção. **O Jornal como fonte histórica.**  
Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023, p.172.

EDINEI PEREIRA DA SILVA

Doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com Especialização em História, Sociedade e Cultura, também pela PUC-SP. Graduado em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Fundação Santo André (FSA), e História pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Professor de Sociologia da rede Estadual de Educação de São Paulo.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5762-6176>

Recebido em: 20/05/2023

Aprovado em: 19/10/2024

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v79p396-404>



Atualmente a circulação de informações vem se tonando cada vez mais dinâmica, de modo que sua velocidade, proporcionada pela consolidação tecnológica, ultrapassa todas as barreiras antes impostas pelo espaço geográfico e as questões técnicas. Os Jornais -leia-se jornais impressos-, parte constituinte desse processo, resiste ao tempo, mesmo diante das inúmeras possibilidades de veículos que comunicam os acontecimentos do cotidiano de forma simultânea: a exemplo da televisão e a internet. Contudo, dada sua organicidade e importância, é imprescindível notar sua historicidade, que por vezes nos colocam diante das vivências e experiências não contadas em suas páginas. Entender o jornal como fonte histórica perpassa por inúmeros desafios, mas que nos permite explorar novos temas e fazer descobertas.

Essas e outras inferências são problematizadas por José D'Assunção Barros, professor de História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que possui vasta experiência no campo da Metodologia Científica, e uma série de artigos e livros sobre esses temas, a exemplo de *Fontes Históricas: introdução aos seus usos historiográficos* (2019), *A Fonte Histórica e seu lugar de produção* (2020), *O Uso de Conceitos: uma abordagem interdisciplinar* (2021), entre outros.

Esse percurso deixa evidente uma sequência de trabalhos que o autor desenvolve para o campo das pesquisas históricas, além de ficar nítido seu compromisso com o universo acadêmico, de maneira que norteiam os caminhos do leitor/pesquisador para seu campo de estudos, bem como outros assuntos intrínsecos e pertinentes aos periódicos. Entretanto, nos interessa analisar sua mais recente obra: *O Jornal como fonte histórica* (2023), publicado recentemente pela Editora Vozes.

A obra em questão é composta por 172 páginas, subdivididas em 15 seções transversalmente conectadas, que sustenta-se na ideia de apresentar a história de alguns jornais aqui no Brasil desde o tempo do Império, por meio de conceitos, operações e fluxogramas, além de tecer um plano de análise desses veículos, explorando os caminhos metodológicos para a compreensão das fontes.

Como o próprio autor coloca, esse é um livro para “historiadores e jornalistas”. No entanto, conforme avançamos na leitura, fica perceptível que serve também para outros campos de estudos, devido a sua importância e

abrangência. É nessa perspectiva que esses e outros aspectos ficam evidentes no livro, de maneira que o transcurso temático proposto interconecta as partes e sedimenta um caminho interdisciplinar.

Na introdução, percebe-se que algumas questões são postas como alicerces para as páginas subsequentes. Isto é, serve de guia para que o leitor tenha como referências pontos a serem desdobrados, além de observar e pesquisar um determinado jornal. Aqui faz-se necessário uma reflexão que consiste no olhar para além dos pontos não ditos: as entrelinhas. Para tanto, fica explícito desde o início que a criticidade é mote para amparar inicialmente a quem pretenda mergulhar nesse universo. O exercício de questionamento usado de forma sistemática dá suporte para as demais partes.

Em *Periódicos: forma impressa, periodicidade e disponibilização pública*, o autor parte de algumas perguntas que de certa forma problematiza o trabalho e são respondidas ao longo do livro. Além de ter como premissa básica a compreensão de seu funcionamento interno (do jornal), como as partes concernentes à editoração, o universo no qual está inserido é substancial para conhecer sua construção. Mesmo tendo como centralidade a explanação do sentido do termo *periódico* como um tipo de publicação (periodicidade e forma impressa), diária, semanal ou mensal, reforça que o intuito é tratar sobre os jornais diários.

Com base nisso, e ancorado num plano sequencial para os demais capítulos, D'Assunção nos apresenta um quadro com oito características essenciais dos jornais. A saber: *periodicidade, largo alcance, polifonia de textos, produção multiautoral, interação entre informação de discurso, busca de vários segmentos leitores, efeito de realidade e abrangência de assuntos*. Em face do exposto, nota-se que os desdobramentos da análise dessas temáticas emergem mais adiante e compõem o percurso histórico e social das sistemáticas observações que constam nessa obra.

A partir do segundo capítulo, José D'Assunção Barros entrelaça de forma esclarecedora as características do jornal na parte anterior, sobretudo aos mecanismos de profusão dos noticiários, que denomina de: *jornais: periodicidade e largo alcance*. Logo, traz como eixo analítico o que chama de "*público leitor*", onde apresenta uma das chaves para o dimensionamento documental.

Dessa maneira, a cada nova abordagem as possibilidades emergem como vertente que estruturam os múltiplos campos de análises. Como o exemplo de *Máquinas, papel e leitores: os aspectos materiais e sua finalidade humana*, que tem um recorte histórico específico, final do século XIX, com menção ao *Daily Telegraph*-primeiro jornal inglês-, que exemplifica a maneira de trazer para o debate momentos de expansão e “aperfeiçoamento na tecnologia” (Barros, p.39), que permitiu ampliar a circulação de jornais, reduzir seu preço, bem como constatar a crescente alfabetização.

Há nessa passagem as intenções da classe dominante, que busca por meio da inserção da leitura não a função social da educação, como requisito da consciência social dos fatos, mas uma possível proliferação e expansão da lógica capitalista ditada pelos anseios desencadeados na Inglaterra no pós Revolução Industrial do século XVIII. O autor apreende essas nuances e nos faz pensar sobre esse conjunto de possibilidades, que de alguma forma podemos considerar como parte constituinte e imprescindível para compreensão do livro.

Dito isso, mesmo com base nessa reconstrução histórica, D’Assunção não causa inflexões no decorrer de seu estudo, pois anota que o objetivo do livro é “*limitar ao caso dos jornais diários e sua possibilidade de uso como fonte histórica*” (Barros, p.29), o que significa dizer que estrutura sua análise sem perder de vista o sentido histórico e social. Isso fica claro quando trata sobre *O efeito da realidade*, pois demonstra que a produção dos noticiários que serão propagados, e conseqüentemente lidos, são pautados na verdade do editor, ou no seu corpo editorial. E, conseqüentemente, diante dessa “*realidade*” posta, cabe ao historiador entendê-la como possíveis caminhos que nos levem a algumas respostas. Em vista disso, o autor reforça que:

[...] O jornal como fonte histórica, nesse sentido, é compreender que este pode ser utilizado como fonte para a história de gênero, para a história do trabalho, para a história dos movimentos sociais, para a história do cotidiano, para a história urbana, ou para inúmeros objetos de estudo de interesse dos historiadores (Barros, p. 47).

Nota-se que o trabalho do autor em trazer o jornal como fonte amplia para outros campos de pesquisas. Nesse sentido, outros objetos de estudos que não sejam especificamente esses periódicos, podem ter nessas fontes

elementos que alicerçam a pesquisa. Sua intenção, portanto, é também chamar atenção para outros caminhos.

A cada seção, mesmo que alinhavadas de forma breves e sucintas, o autor costura as ideias e os temas que se apresentam em épocas diferentes, mas que de alguma forma são importantes para que o leitor reflita sobre os vários momentos e função social do objeto de estudo em questão.

Nessa perspectiva, *Produção, circulação e leitura* retoma mais uma vez o fluxograma de apresentação – por meio de um triângulo- da organicidade funcional do Jornal, além de nos colocar frente ao mecanismo de como essa representação se impõe e, ao mesmo tempo, se conecta ao tema seguinte que é *O polo 'editor' e o polo 'leitor'*. Os dois títulos discutidos pelo autor convergem para um ponto em comum a esses editoriais, bem como outros abordados ao longo do texto, que é atender a demanda e exigências das pessoas que recebem a notícia, assim como a combinação das várias interferências sofridas pelos textos ao longo da confecção e publicação do jornal.

Ao tratar sobre essas duas vertentes, que não é exclusiva de um dado período, apenas é ressignificada a cada momento da história, o autor usa o termo “polifonia”, conceito emprestado do campo da linguística, para falar das múltiplas vozes existentes nos espaços de produção e recepção das informações. Portanto, na medida em que o historiador se aprofunda nos estudos de determinados objetos por meio dos jornais, é possível que encontre tensões e embates nas suas produções (para o editor), assim como dissonâncias na maneira de compreender o texto para o público leitor.

Mesmo tomando como exemplo a experiência relacionada às técnicas de formulação dos noticiários, como os primórdios e avanços na sua confecção, assim como o caso do historiador Robert Darnton -mencionado na obra como caráter de exemplo- que trabalhou no conhecido jornal *The New York Times*, e relatou o funcionamento interno das redações, D'Assunção está preocupado em tratar sobre o refino no olhar e no treino do faro do historiador. Entender as metodologias para sustentar o estudo, segundo o autor, passa pela observação crítica do contexto social caracterizadas por vivências cotidianas, disputas entre os jornais, combate ao governo e/ou defesa deste etc.

Os fluxogramas são recorrentes e nos ajudam a compreender a operacionalidade desses veículos de comunicação. No quadro 02, que abre a seção denominada *Duas ordens de discursos trazidos pelos jornais: a informação e a opinião*, estão reunidos jornais que foram criados entre 1808 a 1823. A partir dessa imagem outros elementos são evidenciados. A abordagem historiográfica, além das já mencionadas, consiste em detectar quais posicionamentos ocupavam em relação ao governo, como tratavam a economia, cultura e os comportamentos sociais. Contudo, as nuances percebidas tanto nas informações assim como nas opiniões estavam atreladas às características de cada grupo. Sobre isso, fica claro que, como diz o próprio autor: “o jornal nunca deixou de ser um meio de comunicar ideias e de interferir na sociedade...” (p.64).

E essas interferências ocorreram no passado, assim como na história recente do Brasil. Cita o exemplo do pacto entre alguns veículos de comunicação com o poder econômico no Golpe de 2016, que tirou Dilma Rousseff da presidência. Então, D’Assunção retrata esse momento para evidenciar a importância dessa fonte (sua análise) em momentos diferentes, de maneira que as tensões no âmbito cultural, político, econômico e social são recorrentes, e que se faz necessário um olhar crítico para essas questões atemporais.

Isto posto, as linhas e páginas se entrelaçam de maneira clara e didática para o leitor/pesquisador que se debruçar sobre essa temática. Os olhares que se direcionam para a dinâmica de cada universo editorial encontram elementos carregados de outros sentidos, que apontam caminhos passíveis de múltiplas análises. Desse modo, em *Os Jornais e seu circuito de concorrentes*, por exemplo, percebe-se que a dinâmica de captação do público, como requisito essencialmente estratégico, é acompanhada da necessidade de desenvolvimento estrutural, que foi possível com o advento das linhas férreas e uma maior infraestrutura para solidificação do transporte.

Na medida em que as costuras acontecem, novos jornais são apresentados e analisados à luz de sua época. Chama atenção para a importância de observar desde o valor de venda, que pode ser um indicativo da classe social que as informações exercem sua influência, até mesmo como ocorria a concorrência e disputas pelo público leitor, a exemplo do

*Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã*, que marcaram época com suas fortes intervenções na sociedade.

No transcorrer das páginas, é necessário observar com muita atenção as notas de rodapé, pois além de explicativas, reforçam o uso de conceitos importantes dentro da obra, e do tema abordado. Como exemplo, no contexto das disputas e tensões, o autor coloca que alguns jornais eram “empastelados”, o que significa dizer que eram vandalizados. O que denota disputas por espaços das diferentes classes sociais, ou meramente conflitos ideológicos. Com essas e outras proposições, D’Assunção vislumbra colocar os acontecimentos como base para compreensão das fontes.

Mesmo diante das “polifonias”, caracterizadas por essas múltiplas vozes inseridas no capítulo *Polifonia e Complexidades*, que denota a reunião de muitos textos num mesmo jornal, ou as múltiplas vozes encontradas em cada um desses jornais analisados, o autor indica que o pesquisador pode trabalhar as seções setoriais dos periódicos com direcionamentos específicos acerca de determinados temas.

Diante dessa esteira de eventos até aqui apresentadas, é clara algumas orientações técnicas para quem pretende usar o jornal para fundamentar uma determinada pesquisa, e isso permeia o livro com exemplos direcionados para esse campo, o que enriquece e torna a leitura mais atrativa. Assim, encontra-se na seção *A relação entre o conteúdo e a forma na fonte jornalística* os pontos principais que se devem observar, isto é, onde encontrar a notícia de interesse do historiador. Colocada como uma espécie de complementaridade do capítulo anterior, aqui o autor aponta para onde nossos olhares, num primeiro momento, devem se voltar. Sistematiza essas informações da seguinte forma: qual assunto está antes da matéria, qual assunto vem depois; qual página se encontra etc. Ao historiador cabe a pergunta a essas formas de organização e disposição dos textos nos periódicos.

Diante dos fatos apresentados, percebe-se que o livro captura a organicidade do jornal desde o período oitocentista - como o autor prefere chamar o século XIX-, mas paulatinamente avança para outros períodos, onde muitas vezes trata sobre os mesmos temas sob um prisma temporal diferente, isto é, quando aborda *O Jogo de poder e as pressões políticas*, traz a Ditadura militar no Brasil como pano de fundo, de modo que realça as

tensas relações desses veículos de comunicação com o poder instalado àquela época.

Outra parte importante que aparece nos capítulos anteriores, mas que tem maior destaque em *A compreensão da história da imprensa como requisito para o trabalho com jornais-fontes*, trata sobre o cuidado ao examinar os jornais, pois chama a atenção para alguns aspectos, como: transformação tecnológica, efeito cultural e seu tempo. Para o autor, esses requisitos não podem ser “negligenciados”, pois é o alicerce para uma construção eficiente dos fatores relacionados àquela sociedade.

Na última parte do livro, para além dos fatores históricos e sociológicos, há uma síntese dos *Métodos* e suas aplicabilidades. A retomada de muitos pontos ditos no decorrer das linhas anteriores denota a importância do olhar minucioso e estratégico sobre as relações sociais de cada período. As polifonias apontadas como exemplos de diversidade de vozes, pensamentos e ações, se analisadas criteriosamente pelo pesquisador, pode revelar um país ainda não conhecido. O autor quer mostrar, além dos pontos supracitados, que há várias maneiras de se olhar para as fontes, e quando se trata do jornal, o treino no olhar e o exercício técnico para destrinchar o dito, nos evidenciam os fatos não ditos, ou seja, as questões não explícitas que constam nos documentos.

Por fim, o livro não esgota todas as possibilidades observacionais acerca do uso do jornal como fonte histórica, mas abre caminhos substanciais para novas imersões. Para além dos conceitos e métodos aplicados, que indubitavelmente são ricos na sua composição analítica, a criticidade do olhar sobre os diferentes momentos e relações sociais existentes durante a circulação dos periódicos, somando-se a outros elementos citados ao longo do trabalho, compõe a vitalidade de um universo múltiplo, polifônico e ainda inacabado, uma vez que outros períodos, novos comportamentos e novas formas de pensar esse objeto devem emergir nessa miscelânea jornalística. A obra, além de contemplar uma série de estudos sobre essa temática, nos apresentam diferentes vertentes do mesmo objeto, assim como nos faz refletir novas perspectivas de estudos, e nos alerta para a avalanche de informações despejadas cotidianamente.

## **Referência**

BARROS, J. D'A. **O Jornal como fonte histórica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023. p.172.